FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 03/01/2024 - 05:59

Cidades usam 12 Maracanãs de areia para alargar praias

A praia de Canasvieiras, em Florianópolis (SC), primeira a ter engorda de areia, em 2020 Leonardo Sousa - 13.jan.2020/Prefeitura de Florianópolis

Cidades correm para alargar praias com 12 Maracanãs de areia

Especialistas alertam para projetos ainda insuficientes e para o alto custo na manutenção dessas intervenções

PRAIAS ALTERADAS

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO A corrida nos últimos seis anos por obras no litoral do país projeta o uso de uma quantidade de areia equivalente ao volume de 12 Maracanãs para o alargamento de praias.

A estratégia é a mais defendida por oceanógrafos para mitigar a erosão costeira. Mas especialistas criticam o alto custo de realização e manutenção, e apontam a existência de projetos limitados que podem gerar problemas ao longo do litoral no futuro.

Levantamento da **Folha** identificou 24 intervenções de grande porte feitas entre 2018 e 2023 ou projetadas para ocorrer nos próximos anos.

Além das engordas de praia, que ganhou projeção nacional após as obras em Balneário Camboriú (SC) em 2021, há também a construção de espigões, estrutura rígida, geralmente de pedra, perpendicular à praia para reter areia.

As obras visam mitigar a erosão costeira, que atinge cerca de 60% do país, segundo o livro "Panorama da Erosão Costeira no Brasil", de 2018. Miram também a ampliação de áreas de lazer e o desenvolvimento turístico das cidades.

"É uma corrida perigosa dos municípios. Esse tipo de empreendimento tem que ser muito bem estudado e não pode ser uma panaceia. Tem que ver o motivo da erosão e tomar procedimentos técnicos embasados, para não acontecer o que já vimos ocorrer em muitos lugares: gastar um dinheiro com uma engorda e não adiantar nada", afirma Ana Paula Prates, diretora do Departamento de Oceano e Gestão Costeira do Ministério do Meio Ambiente.

O uso da engorda de praia é antiga no país. O caso mais conhecido é a praia de Copacabana, no Rio, na década de 1970. Ela ganhou força em Santa Catarina no fim da década de 1990. Balneário Piçarras (SC) fez seu primeiro projeto em 1998. Balneário Camboriú realizou um plebiscito em 2001 aprovando a obra, executada 22 anos depois.

O oceanógrafo António Klein, da UFSC, vê como positivo o crescimento do uso da técnica. Ele participou de pesquisas na década de 1990 para identificar jazidas de areia para os projetos. "Melhor colocar areia na praia do que rocha ou concreto."

Klein se refere às obras de enrocamento tradicionalmente feitas em casos emergenciais, como ressacas. As estruturas de pedras se espalharam pelo país para proteção da estrutura urbana das orlas, mas agravaram a erosão costeira no médio prazo. Elas ampliam a força do impacto das ondas e aumentam a retirada de areia da praia — o chamado "efeito reflexivo".

"A alimentação de praia tenta reproduzir o ambiente e assim criando uma zonação morfológica e biológica, resgatando os serviços ecológicos que já não existiam mais", disse ele.

O professor Paulo Pagliosa, do Núcleo de Estudos de Mar da UFSC, critica as engordas de praia exigirem manutenção constante.

"A ideia do alargamento da praia faz mais sentido para criar mais espaço para o turista consumir e para políticos se beneficiarem. É uma obra efêmera, que exige manutenção sucessiva e bem cara. Mas há um aquecimento do mercado da engenharia nessa porção. Nossa crítica vem desse aproveitamento empresarial e político dessa solução", disse ele.

A obra em Balneário Camboriú (SC) custou R$ 66 milhões, custeados por empresários locais. Jaboatão dos Guararapes (PE), que alargou a praia em 2013, planeja nova intervenção ao custo estimado de R$ 70 milhões.

Klein diz que é necessário monitoramento e planejamento para realimentar a areia. "Projetos de monitoramento e realimentação têm de estar no orçamento, pois, como toda obra, necessita de manutenção. Funcionam para o tempo planejado."

Contudo, algumas obras do tipo já realizadas sequer executam seu projeto por inteiro.

Piçarras fez a engorda com 800 mil m³ de areia em 1999, mas não construiu espigões para reter os sedimentos. As ondas praticamente acabaram com a alimentação realizada e nova obra foi feita em 2012. As estruturas de pedra foram erguidas e nova engorda foi realizada com apenas metade do volume projetado.

Algo semelhante ocorreu em Natal (RN) na ampliação da praia de Ponta Negra. O estado projetou fazer a alimentação artificial em 2013, mas, antes, construiu um enrocamento para proteger emergencialmente o calçadão. A engorda acabou não sendo feita, e a estrutura rígida que consumiu cerca de R$ 5 milhões agravou a erosão.

As duas cidades agora fazem parte da lista de novos projetos a serem executados. Somados aos já realizados desde 2018, as intervenções previstas no país levarão à instalação de, no total, 24,5 milhões de m³ de nova areia na orla do país — o equivalente a 12 vezes o volume do estádio do Maracanã. A estimativa de custo total chega a R$ 1,8 bilhão.

Ainda que viva um "boom" dessas obras, o Brasil movimenta um volume bem menor de sedimentos do que os Estados Unidos, cujo litoral tem o triplo de extensão do brasileiro. Lá foram usados na década de 2010 cerca de 56 milhões de m³ de areia por ano, em média, para ampliar ou manter alargamentos, segundo artigo apresentado na Conferência da Associação para Preservação da Costa e Praia Americana em 2019.

O oceanógrafo Ricardo Haponiuk, coordenador da Anama (Associação Nacional dos Órgãos Municipais de Meio Ambiente), afirma que o governo federal deve ampliar sua participação na confecção dos projetos. Para ele, é importante "entender o contexto regional, ou até mesmo subnacional, para saber de onde está vindo aquele problema".

Ele cita como exemplo o município de Itapoá (SC), do qual foi secretário de Meio Ambiente. A cidade passou a sofrer com a erosão na praia após a dragagem necessária para a instalação de um porto na cidade vizinha, São Francisco do Sul (SC). A cidade agora tem pronto o maior projeto de engorda do país, utilizando 12 milhões de m³ de areia retirada da baía ao custo de R$ 480 milhões.

"O governo federal deveria assumir esse protagonismo, porque muitos dos problemas que foram causados nas cidades têm dedo de algum ministério que, por alguma razão, fomentou ou patrocinou obras", afirma Haponiuk.

Barragens ao longo dos rios também tiram areia das praias. Essa é uma das razões apontadas para a destruição da praia de Atafona, em São João da Barra (RJ), exemplo clássico de erosão costeira no país, afetadas pelas estruturas instaladas no rio Paraíba do Sul.

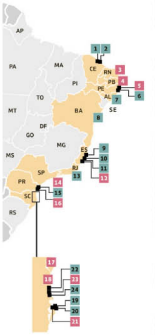
Todos os especialistas afirmam que as obras não são capazes de impedir o avanço do mar em caso de elevação significativa dos oceanos em razão do aquecimento global. "A longo prazo tudo vai por água abaixo. Não tem muito como segurar", disse o geógrafo Dieter Muehe, coordenador do "Panorama da erosão costeira no Brasil".

Série mostra os impactos no litoral brasileiro

A série Praias Alteradas ouviu especialistas e autoridades envolvidas nas dezenas de obras realizadas nos últimos anos no litoral do país. As reportagens mostram quais os motivos que levaram aos investimentos, as falhas nos projetos e possíveis consequências futuras com a alteração da costa brasileira. Os textos também vão apontar quais os impactos locais das intervenções e como muitas falhas se repetem em diferentes municípios do país, que não contam com uma integração regional ou nacional para combater a erosão costeira.

Obras no litoral do país

■ Obras já executadas (2018-2023) ou em execução
■ Obras planejadas



1 **Caucaia (CE)**
2 **Fortaleza (CE)**
3 **Natal (RN)**
Alargamento previsto desde 2013, quando obras parciais agravaram erosão. Aguarda aprovação de R$ 96 milhões do governo federal
4 **João Pessoa (PB)**
Obra suspensa após críticas ao projeto
5 **Jaboatão dos Guararapes (PE)**
6 **Cabo de Santo Agostinho (PE)**
7 **Maceió (AL)**
Cidade instalou blocos de concreto para conter avanço do mar
8 **Itaparica (BA)**
9 **Guarapari (ES)**
10 **Itapemirim (ES)**
11 **Praia do Camburi (Vitória, ES)**
12 **Praia do Iate (Vitória, ES)**
13 **Cabo Frio (RJ)**
14 **Ilha Bela (SP)**
15 **Matinhos (PR)**
Obra de engorda em execução no país com uso de maior volume de areia (3,2 milhões de m³). Projeto total custou cerca de R$ 314 milhões
16 **Guaratuba (PR)**
17 **Itapoá (SC)**
Maior obra de alargamento de praia projetada no país, com uso de 12 milhões de m³ de sedimentos. Projeto estimado em R$ 480 milhões
18 **Barra Velha (SC)**
19 **Praia das Canasvieiras (Florianópolis, SC)**
20 **Praia dos Ingleses (Florianópolis, SC)**
21 **Praia de Jurerê (Florianópolis, SC)**
22 **Balneário Piçarras (SC)**
23 **Navegantes (SC)**
24 **Balneário Camboriú (SC)**

Fonte: Governos estaduais e prefeituras

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.